

Palavras introdutórias

O VOLUME QUE ORA APRESENTAMOS AOS LEITORES É O PRIMEIRO LIVRO sobre Irena Sendler. É, aliás, algo mais do que um livro sobre ela: embora não constitua propriamente o resultado de uma extensa entrevista, ele é, em grande medida, também um livro dela. Pois Anna Mieszkowska permite à sua heroína falar, registra sua história, perpetua suas opiniões, cita expressões utilizadas por ela. A biografia de Irena Sendler é bela e heroica, inspiradora e dramática, uma biografia que, há décadas, esperava por seu Plutarco.

Durante muitos anos seus feitos foram conhecidos por relativamente poucos, aqueles cujas vidas ela salvara, além de um grupo de amigos e conhecidos e, também, alguns historiadores que tratam da Segunda Guerra Mundial, particularmente da história do Holocausto [*Shoah*, em hebraico]. As coisas se deram de um modo como se, não bastasse o fato passar despercebido, tampouco se quisesse perceber que entre nós vivia uma pessoa com uma biografia tão extraordinária e grandiosa – uma *pessoa monumental*, poder-se-ia dizer (retomando o famoso poema de Juliusz Słowacki),¹ uma figura digna de um Fídias,² embora no cotidiano modesta, cordial, gentil com as pessoas e sempre disposta a estender a mão a quem necessita de ajuda, uma pessoa com a qual o contato é simplesmente um prazer.

Aspectos de ordem diversa foram decisivos para que se deixasse tão grande figura de lado. Em primeiro lugar, aspectos gerais, inclusive a deturpação generalizada da história recente na Polônia comunista. Na lista de heróis, simplesmente não cabia uma ativista social, procedente de uma esquerda democrática que se legitima na história da Polónia por suas belas

1. Juliusz Słowacki (1809-1849), poeta e dramaturgo polonês. [N.T.]

2. Célebre escultor grego, que imortalizou figuras heroicas. [N.E.]

tradições, distante da utopia ideológica do comunismo. Entraram em jogo também outros fatores: desde os primeiros anos do pós-guerra, o que se relacionava de um modo ou de outro aos judeus era tratado, na Polônia, como um assunto pantanoso, incerto e perigoso, um tema sobre o qual era melhor calar do que falar. Este fenômeno se acentuou ainda mais com a explosão, na segunda metade dos anos 1960, de um antissemitismo oficial, no qual se emaranharam os fios de dois dos mais perigosos totalitarismos do século XX: o fascismo e o stalinismo. Num mundo em que esse tipo de ideologia buscava o domínio sobre as ideias, não havia lugar para Irena Sendler. Não é por acaso, portanto, que ela se tornou uma pessoa pública, reconhecida e admirada, após a mudança do sistema político em 1989. A Polônia democrática presta-lhe então homenagens: prova disso são as distinções que recebeu, como a Ordem da Águia Branca e o Prêmio Jan Karski (referência a outra figura extraordinária da história polonesa do século XX).³ A grandeza de Irena Sendler foi reconhecida igualmente fora da Polônia, a princípio nos EUA, mas também na Suécia, na Alemanha e em outros países. A expressão “A lista de Sendler” já está entrando para a língua e rivalizando com “A lista de Schindler”, que se tornou popular em razão do filme de Spielberg. É preciso ressaltar que a lista de nomes de judeus salvos pela ativista polonesa é significativamente mais extensa do que a daqueles que o empresário alemão livrou da morte.

O livro de Anna Mieszkowska apresenta a história de Irena Sendler de modo preciso e detalhado, mostra suas obras e ações, seu trabalho e seu dia a dia e revela seu notável formato moral. Somente alguém da mais alta estirpe humana poderia ter realizado algo tão colossal como salvar da morte certa duas mil e quinhentas crianças judias durante o Holocausto e, além disso, ter contribuído para salvar certo número de adultos. Para realizar tarefa tão extraordinária, que exigia heroísmo quando, por se ajudar um único judeu, era-se punido com a morte, é preciso de fato se distinguir por virtudes heroicas. Não bastava, portanto, a necessidade de fazer o bem, a convicção de que é preciso levar ajuda onde ela fosse tão dramaticamente necessária: uma pessoa que tenha tomado para si tal

3. Jan Karski (sobrenome verdadeiro, Kozielski [1914-2000]) foi um destacado membro da resistência polonesa na Segunda Guerra Mundial. Em 1942-43, levou ao governo polonês no exílio em Londres e à inteligência dos Aliados um dos primeiros informes sobre a situação da Polônia ocupada, os campos de extermínio e a destruição do Gueto de Varsóvia. *Ver nota 90* [N.E.]

tarefa deve destacar-se por uma grande e mesmo improvável coragem, pois apostou sua vida numa única carta – e não uma única vez em sua heroica atuação, mas o tempo todo. Não se pode deixar de falar, aqui, em sacrifício.

Irena Sendler consagrou sua vida a salvar judeus durante a ocupação nazista na Polônia. Para obter resultados tão impressionantes, não bastava, contudo, coragem e doação. A estas características extraordinárias se somava uma energia fora do comum, que ela precisou encontrar em si mesma para retirar as crianças do gueto e depois lhes assegurar um refúgio em lugares onde tivessem alguma chance de sobreviver. Irena Sendler, consciente de que se tratava de um jogo com a vida de seres humanos cuja única culpa era não possuir “sangue ariano”, encontrou em si essa extraordinária energia e essa engenhosidade. Ao mesmo tempo, revelou ter impressionantes talentos organizacionais. Para realizar feitos tão grandiosos, ela não podia agir sozinha. O livro de Anna Mieszkowska, portanto, constitui-se também, indiretamente, em um tributo aos colaboradores de Irena Sendler, na sua maioria mulheres incríveis, extraordinariamente corajosas e dispostas a se sacrificar.

Irena Sendler se tornou nos últimos anos uma pessoa pública, sobre a qual se fala em artigos de revistas e programas de rádio, e cuja história é contada em documentários. Irena Sendler já é um símbolo de heroísmo e dedicação – e tudo indica que se tornará também um símbolo das boas e cordiais relações entre a sociedade polonesa e a comunidade judaica.

Michał Głowiński⁴

4. Escritor, ensaísta, crítico e historiador literário polonês, professor no Instituto de Pesquisas Literárias da Academia Polonesa de Ciências. Foi uma das crianças salvas por Irena Sendler do Gueto de Varsóvia.







Irena Sendler na primavera de 2003.



Algumas palavras da autora

EU JÁ CONHECIA A HISTÓRIA DE IRENA SENDLER DE RELATOS DA IMPRENSA e da televisão. Quando, em 2001, quatro alunas de uma escola americana de Uniontown (Kansas) vieram a Varsóvia para um encontro com a heroína da peça de teatro *Holocausto, a vida num pote*, escrita por elas, a mídia se lembrou de Irena Sendler, então com 91 anos, e de suas realizações extraordinárias nos tempos da guerra. Ela é a mãe de duas mil e quinhentas crianças que foram salvas do Gueto de Varsóvia. Não uso aqui a expressão “mãe adotiva”, mas simplesmente *mãe*, porque ela deu a vida àquelas crianças pela segunda vez.

Em abril de 2003, Lili Pohlmann⁵ veio de Londres para as solenidades relativas aos sessenta anos do Levante do Gueto de Varsóvia. Ela visitou Irena Sendler no Lar de Idosos da Ordem Hospitaleira de São João de Deus em Nowe Miasto.⁶ Essa visita mexeu muito com Lili. Não conseguia compreender por que ninguém se lembrava de homenagear devidamente aquela pessoa tão modesta, que não permitia que falassem dela como uma “heroína”, e que chamava as crianças que salvou de heróis dos corações de suas mães. Lili Pohlmann me disse: “Você precisa conhecê-la e escrever sobre ela”. Foi o que fiz. Encontrei uma senhora idosa dona de um sorriso sereno. Vestida de preto, estava sentada numa poltrona confortável e falava usando uma bela linguagem literária. No seu pequeno quarto, pendurados na parede, havia diplomas e condecorações cuidadosamente emoldurados. E sobre a mesa, ao alcance das mãos, estavam dispostas fotografias da mãe, dos pais quando noivos, dos filhos e da neta. Havia

5. Lili Pohlmann, produtora cultural benemerita da comunidade polonesa britânica.

6. Nowe Miasto (Cidade Nova) é um bairro de Varsóvia situado no distrito de Śródmieście, que se desenvolveu a partir do final do século XIV, para além dos muros da Cidade Velha (Stare Miasto). [N.T.]

também, lindamente emoldurada, a fotografia das quatro estudantes norte-americanas. Foi graças a elas que a história dessa corajosa polonesa foi relembrada, e os cinco anos de horror da guerra me foram contados em dez minutos! “Essas meninas vindas de tão longe, dos EUA, revelaram você para o mundo... e para a Polônia”, disse-lhe Jolanta Migdalska-Barańska, sua amiga. “Sim, você tem razão. E isso depois de tantos anos de assédio moral, humilhações e perseguições”, respondeu Irena com um sorriso.

Irena Sendler formou-se em Letras, mas, de coração, foi uma ativista social no mais belo e amplo sentido da expressão. Minha primeira visita durou uma hora e 15 minutos. Ouvi, entre outras coisas:

“Meu pai morreu quando eu tinha sete anos. Mas guardei para sempre em minha memória as suas palavras, que as pessoas se dividem em boas e más. Nacionalidade, religião, raça não têm importância. O que importa é que tipo de pessoa alguém é. Outro princípio que ele me ensinou desde a infância é a obrigação de estender a mão àquele que estiver sucumbindo, a todo aquele que estiver necessitado. Tenho 93 anos, trinta doenças e sessenta anos de uma vida de doação. Há mais de quinze anos estou numa cadeira de rodas. Não gosto de jornalistas, pois com frequência distorcem o que se diz. Em diversas entrevistas ou artigos a meu respeito, repete-se uma informação errada, segundo a qual eu retirava do gueto crianças com tifo. Isso revela um completo desconhecimento sobre a realidade da vida no gueto. As pessoas com tifo, pouco importa se adultos ou crianças, não tinham praticamente nenhuma chance de salvação. Equívocos desse tipo são reproduzidos com frequência. Por isso eu os corrijo agora. Em geral me atenho ao princípio de não falar sobre o gueto com ninguém que não tenha estado lá, não conto sobre o período em que fiquei presa na Pawiak⁷ a alguém que não tenha passado por lá, e não converso sobre o Levante de Varsóvia com ninguém que não o tenha testemunhado.⁸

7. Antiga prisão de Varsóvia, localizada entre as ruas Dzielna e Pawia (daí o seu nome), usada pelos alemães durante a ocupação como um de seus principais centros de tortura. Ver nota 141 [N.E.]

8. O Levante de Varsóvia foi uma ação militar liderada pelo *Armia Krajowa* (Exército da Pátria [ver nota 18]) e outros grupos armados clandestinos, que, com o apoio de grande parte da população, tentaram em 1^o de agosto de 1944 tomar a cidade, aproveitando a aproximação do exército soviético. O levante foi esmagado depois de dois meses, em 2 de

Relatar as experiências vividas me cansa muito. Lembranças e pesadelos voltam. Sonho que estou pedindo permissão para levar uma criança, e os seus pais me perguntam sobre as garantias de que ela sobreviverá, pois querem ter certeza de que tudo terminará bem. Eu não podia lhes dar essa garantia àquela altura. Esses pensamentos fazem mal ao meu coração. As emoções me custam muito. Minha vida não foi fácil. Vivi muitas coisas. Tragédias pessoais inclusive... Tenho uma filha, uma nora e uma neta. E tantos, tantos amigos... Aqueles cujas vidas eu salvei, seus filhos e até seus netos me visitam.”

Até hoje Irena Sendler se interessa por todos eles, sabe tudo sobre eles. Jamais recusou a ninguém uma ajuda, um conselho, uma boa palavra ou apoio em momentos difíceis da vida. O seu quartinho com frequência fica lotado. Acontece de receber várias visitas num mesmo dia. Isso a deixa cansada, mas ela não consegue recusar quando alguém lhe pede algo. É muito bem informada sobre o que está acontecendo no mundo e em seu país. Preocupa-se com a guerra no Iraque, com os inúmeros perigos do terrorismo constante e ameaçador. “Sou uma pacifista”, acrescenta. “Passei por duas guerras mundiais, dois levantes em Varsóvia. Jamais vou concordar com a morte de pessoas inocentes, e lamento ainda mais pela morte das crianças. Porque as crianças são sempre as vítimas mais trágicas das guerras”.

Irena Sendler respondeu positivamente à proposta de trabalharmos juntas em um livro sobre sua vida extraordinária. Disponibilizou todos os materiais: o que escreveram sobre ela e o que ela mesma escreveu em diversos períodos da vida, nem sempre com a ideia de publicar, mas para preservar seu testemunho para as gerações futuras. “Hoje as novas gerações não se dão conta de que nos tempos da ocupação as pessoas não sabiam o que os membros de suas famílias estavam fazendo”, conta a quase todos que a visitam. Por ocasião de uma reunião das Crianças do Holocausto, ela escreveu:

outubro de 1944, com a subsequente devastação de Varsóvia pelos alemães (que destruíram 85% da cidade) e o massacre de centenas de milhares de civis. [N.E.]

Há muitos trabalhos sobre o tema da guerra, da ocupação, do Holocausto – nunca encontrei, porém, nenhum trabalho que descrevesse a enormidade do sofrimento das mães que se separavam de seus filhos, nem do sofrimento das crianças entregues nas mãos de pessoas estranhas. As mães, convictas de sua morte próxima e da de todos os seus familiares, queriam salvar pelo menos os filhos. Mas não há tragédia maior para uma mãe do que se separar de seu filho. Essas pobres mulheres precisavam vencer sua própria resistência e a dos demais membros da família, como os avós, por exemplo. As avós das crianças, lembrando-se dos alemães da Primeira Guerra Mundial, não os viam como assassinos, opunham-se a entregar as crianças; as mães, entretanto, sabiam o que estavam fazendo...⁹

E em um artigo de 1981:

Um dos motivos que me levaram a compartilhar minhas memórias é o desejo de mostrar às novas gerações de judeus, espalhados por todo o mundo, que eles não estão certos ao julgarem que os judeus poloneses, torturados de forma desumana, foram passivos, que marcharam apáticos para a morte, e não lutaram. Isto não é verdade! Vocês estão errados, meus jovens amigos. Se vissem os jovens que viviam e trabalhavam naqueles tempos, se vissem a sua luta diária contra a morte, que os espreitava literalmente ao lado de qualquer casa ou em qualquer esquina, se vissem sua postura cheia de dignidade, de determinação, e suas ações cotidianas, sua luta por cada pedaço de pão, por remédios para seus familiares moribundos, pelo alimento espiritual sob a forma de uma boa ação ou do mergulhar nas páginas de um livro, vocês mudariam de opinião.

Veriam moças e rapazes maravilhosos, suportando com dignidade todas as torturas e dramas do dia a dia no Gueto de Varsóvia. Não é verdade que os mártires do gueto pereceram sem lutar. A luta deles era uma luta de todo dia, de toda hora, de todo minuto naquele inferno, que durou alguns anos.

E quando por fim se convenceram de que não haveria mais nenhuma ajuda para eles, pegaram bravamente em armas. Todo esse período de luta, primeiramente não militar e, depois, também militar, foi uma série de atos de autodefesa biológica coletiva, e na sequência atos de desespero e de honra. É preciso lembrar e repetir incessantemente que, dentre todas as formas de ação conspiratória na Polônia durante os anos da ocupação nazista, a ação de ajuda aos judeus estava entre as mais difíceis e perigosas. A partir do outono de 1939, qualquer gesto ativo de solidariedade

9. Declaração inédita de Irena Sendler em 2003.

para com aqueles que eram perseguidos podia ser punido com a pena de morte. E essa era a pena não apenas para quem escondesse pessoas de ascendência judaica, não apenas para quem lhes fornecesse documentos “arianos”, mas também para quem lhes vendesse o que quer que fosse, desse-lhes esmola ou então lhes indicasse uma rota de fuga.¹⁰

“Por dar um copo d’água ou uma fatia de pão a um judeu, podia-se perder a vida”, disse-me Irena Sendler em nossa primeira conversa.

Também compreendi então o que tinha em mente Ruta Sakowska¹¹ ao escrever que “todos os que conhecem Irena Sendler ficam sob o encanto de sua personalidade: uma união de intelecto com têmpera de espírito, com força de caráter, com sensibilidade para com o sofrimento alheio, com disponibilidade sem igual para os oprimidos. Essas são características que ela ainda mantém”.

Sua filha, Janina Zgrzemska, quando a vida ficou difícil para a família nos anos 1960, perguntou certa vez: “Mamãe, o que foi que você fez para estarmos sofrendo agora?”¹²

Sua neta Agnieszka, vinte anos depois, admirada com a visita de uma rede de televisão estrangeira, fez outra pergunta: “Vovó, o que foi que você fez para ficar tão famosa?”

Sua filha conta que, em 1988, esteve em Israel e tocou na árvore de Irena na Avenida dos Justos.¹³ “Por anos minha mãe não falou comigo

10. Irena Sendler, “O działalności kół młodzieży przy komitetach domowych w getcie warszawskim” [“Sobre a atuação dos grupos de jovens nos comitês de moradores do Gueto de Varsóvia”], *Biuletyn Żydowskiego Instytutu Historycznego* [Boletim do Instituto de História Judaica], 1981, nº. 2 (118), p. 98.

11. Ruta Sakowska (1922- 2011), historiadora polonesa, pesquisadora do Instituto de História Judaica de 1958 a 2011, estudou a história do Holocausto, foi especialista na história do Gueto de Varsóvia e pesquisadora e editora de materiais do Arquivo de Ringelblum. [N.T.]

12. As dificuldades a que se refere a filha de Irena Sendler dizem respeito aos diversos tipos de perseguição política por que passaram muitos poloneses depois da Segunda Guerra Mundial, que iam do assédio moral à prisão, chegando à deportação e à morte. Já nos anos 1950, o governo polonês, sob ordens de Stalin, aumentou a perseguição aos opositores do regime, à Igreja Católica e, também, aos ativistas de antes da guerra, como Irena Sendler. Embora a repressão tenha diminuído após a morte de Stalin, permanecia certa instabilidade e, em 1968, após manifestações de estudantes em Varsóvia e Cracóvia terem sido reprimidas com violência, iniciou-se uma campanha contra intelectuais e judeus. Nesse contexto, os que durante a guerra haviam tido determinada atuação e ligações políticas eram consideradas pelo governo polonês sob influência soviética como uma ameaça ou, no mínimo, um alvo. [N.T.]

13. Em 1965, Irena Sendler recebeu a medalha Yad Vashem, mas apenas em 1983 pôde

sobre sua atuação durante a guerra, mas em Israel, ao pronunciar o sobrenome Sendler, todas as portas se abriam para mim. Somente então é que entendi o que ela havia feito”.

Norman Conard, professor de história em Uniontown, não acreditou nas informações que suas alunas haviam lido em um periódico americano sobre uma polonesa desconhecida: “Com certeza é um equívoco, vocês precisam verificar isso. Oskar Schindler, imortalizado no filme de Spielberg, salvou mais de mil e cem pessoas”.

De que modo essa mulher poderia ter salvado um número duas vezes maior, ainda por cima crianças?

Este livro é uma tentativa de responder a essa pergunta. E também a outras que são feitas. Quem foi Irena Sendler anteriormente, antes de se tornar, naqueles dias, meses e anos trágicos da Segunda Guerra Mundial, a irmã Jolanta?

O que a formou na infância e na primeira juventude de modo que, não tendo ainda nem trinta anos, já estava tão fortalecida pela vida? Será que ela não tinha medo?

Se tudo aquilo que se escreve e se fala sobre ela não tivesse realmente acontecido, sua vida poderia ser considerada um roteiro cinematográfico muito bem escrito. E suas experiências, uma emocionante aventura, em que ela enfrentava a crueldade do ocupante nazista e a insensibilidade de alguns compatriotas. Pois é preciso dizê-lo claramente: a postura de Irena Sendler no período da ocupação não é apenas um símbolo de luta, coragem, bravura e compaixão, mas também um testemunho do quanto estava sozinha no caminho que escolheu.

E qual foi seu destino depois da guerra? O que fez nos seus mais de cinquenta anos de vida profissional? Por que o passado a visita constantemente, não lhe permitindo esquecer?

plantar sua árvore na avenida dos Justos, em Jerusalém.

A expressão hebraica *Yad vaShem* (“um lugar e um nome”) foi tomada do Livro de Isaías (56:5). É uma promessa de Deus a pessoas de origem não judaica, mas que preservam a aliança: “E lhes darei em minha casa e dentro dos meus muros *um lugar e um nome* (“*Yad va Shem*”) ainda melhor do que o de filhos e filhas; um nome imperecível, que não desaparecerá jamais”. Cf. M. Grynberg, *Księga Sprawiedliwych [O Livro dos Justos]*, Varsóvia, 1993, p. 11 [Um “justo”, ou *tzadik*, na tradição judaica, é “aquele cujo mérito supera a iniquidade” – N.E.].

Irena Sendler é um monumento vivo da história, é um monumento vivo da memória. De uma memória difícil. Difícil para sua geração, mas também para as mais novas, que aprendem, em livros, sobre os acontecimentos que ela vivenciou.

Passados sessenta anos, a história completou um ciclo. Na noite de 20 para 21 de outubro de 1943, data em que se comemora o dia de Santa Irena,¹⁴ estava para se decidir o destino de uma mulher de 33 anos, extraordinariamente corajosa, que conforme os ensinamentos de seu pai – de estender a mão a quem necessita de ajuda – pôs em perigo a própria vida e a de sua família, sem hesitar. E que, em julho de 2003, em Washington, recebeu o Prêmio Jan Karski.¹⁵ A cerimônia de entrega do prêmio foi planejada para o dia 23 de outubro de 2003, na Universidade Georgetown em Washington. Entre outros, estava presente a mais jovem das crianças salvas por Irena Sendler, Elżbieta Ficowska, presidente da Associação das Crianças do Holocausto na Polônia.¹⁶ Foi ela, na companhia da primeira-dama polonesa, Jolanta Kwaśniewska, que recebeu o prêmio em nome de Irena Sendler.

Este livro nunca teria surgido sem a participação de Irena Sendler, visto que há fatos e acontecimentos que os historiadores e arquivistas não descobrem nem mesmo depois de anos de pesquisa. Pois ficaram registrados unicamente na memória dos heróis.

Servi-me do rico arquivo de Irena Sendler, de seu conhecimento e de sua experiência. O capítulo “Vozes das crianças salvas” surgiu por inspiração dela. A pedido seu, a história de sua vida intensa, mas difícil,

14. Na Polônia, como em outros países europeus, é comum as pessoas comemorarem, além do dia do aniversário, também o “dia do nome”, dia do calendário católico atribuído ao santo cujo nome se tem. 20 de outubro é o dia de Santa Irena. [N.T.]

15. O Prêmio Jan Karski é concedido desde 2001 pelo Centro Americano de Cultura Polonesa (Washington) e pelo Conselho da Fundação Jan Karski.

16. A Associação das Crianças do Holocausto na Polónia (*Stowarzyszenie Dzieci Holocaustu* – SDH) surgiu em 1991. Reúne crianças judias salvas do extermínio. Inicialmente com 45 pessoas, atualmente tem cerca de oitocentos membros. Possui unidades regionais em Cracóvia, Wrocław e Gdańsk. É membro da Federação das Associações Judaicas da Polónia e também da Federação Mundial das Crianças Judias Sobreviventes do Holocausto. A missão da organização é formar uma comunidade de pessoas que sobreviveram ao Holocausto, preservar a memória do Holocausto, bem como da vida da comunidade judaica na Polónia antes da guerra, e combater o sentimento de solidão e isolamento. O primeiro presidente da associação, por dois mandatos, foi o prof. Jakub Gutenbaum, seguido de Zofia Zaks. Elżbieta Ficowska dirigiu a associação por outros dois mandatos.

inicia-se com a aventura das estudantes americanas. Elas renovaram a fé de Irena Sendler no sentido de sua vida longa e sofrida e lhe deram mais forças para enfrentar as contrariedades do destino que vieram em seguida. Tornaram célebres em todo mundo o seu nome e os seus feitos durante os anos da guerra.

Considereei como minha obrigação expressar neste livro a voz da própria heroína, uma pessoa extraordinariamente modesta que, com grande humildade em relação ao passado, lembra-se de todos aqueles que colaboraram com ela durante a ocupação, em prol do salvamento da população judia. Daí as várias e extensas citações de seus artigos e de entrevistas que deu a jornalistas da imprensa polonesa e internacional. Alguns desses materiais estão agora, muitos anos depois de produzidos, atualizados e corrigidos.

Há mais uma coisa. Após dez meses de trabalho com o material para este livro, Irena Sendler entregou-me dois poemas. Eles foram escritos muito antes. A inspiração para a jovem autora, Agata Barańska, foi o fato de ter conhecido e, depois, se tornado amiga de Irena Sendler, bem como a amizade desta com sua mãe, Jolanta Migdalska-Barańska. Juntos, os avós de Jolanta e o pai de Irena Sendler, dr. Stanisław Krzyżanowski, realizaram trabalhos sociais em Otwock nos tempos em que a pequena Irena ainda vivia nessa cidade. A história mais uma vez completou um ciclo. As lembranças voltaram. Boas lembranças dos tempos de uma infância despreocupada e feliz. “Isso foi há tanto tempo”, responde Irena emocionada quando lhe pergunto qual período de sua vida ela considera o mais feliz.

“Eu tinha sete anos quando, com o falecimento de meu pai, perdi a sensação de segurança, amadureci prematuramente, compreendi que, na vida, além de alegria, o ser humano encontra tristezas e até mesmo tragédias. Isso também teve certa influência em minha vida posteriormente. Mas sempre, nos bons e maus momentos, havia pessoas comigo. Próximas e desconhecidas. Sempre havia alguém que, de modo inesperado, estendia-me a mão. Nunca dei importância para questões materiais. Sempre procurei enxergar os valores morais das pessoas. Avaliava que tipo de pessoa alguém era, e não o que possuía. Sabia muito bem, com base em minha própria experiência, que na vida se pode perder tudo.

O que tem mais valor, cada um traz em si mesmo. No coração. Sempre preferi dar a receber. Há algo mais belo do que a alegria nos olhos de quem recebe algo?”.

E há algo mais valioso do que dar a vida? Pergunto eu. Irena Sendler, ao salvar crianças judias durante a Segunda Guerra Mundial, venceu sua luta particular, sua luta pessoal contra o mal, contra a crueldade do mundo que a cercava. Tornou-se um símbolo de bondade, amor e tolerância.





*Irena Sendler e o presidente polonês Aleksander Kwaśniewski.
Cerimônia de entrega da Ordem da Águia Branca, 10 de novembro de 2003.*

*“Nos tempos da grande mortandade, Irena Sendler
consagrou sua vida para salvar judeus.”*

Michał Głowiński



A crônica de 2003

16 de janeiro

A revista polonesa *Wprost* informou que a Associação das Crianças do Holocausto decidiu apresentar a candidatura de Irena Sendler para o Prêmio Nobel da Paz. Dois poloneses ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura, Czesław Miłosz e Wisława Szymborska, apoiaram a candidatura. A associação solicitará ainda os votos dos ganhadores do Nobel da Paz, Lech Wałęsa e Jimmy Carter.

“Depois do que aconteceu em Jedwabne,¹⁷ heróis ainda são necessários”, comentou Irena Sendler com amargura. “Lembrem-se de que, sozinha, eu não teria feito nada”, acrescentou com modéstia.

19 de abril

Por ocasião do sexagésimo aniversário do Levante do Gueto de Varsóvia, a Fundação Judaica de Cracóvia concedeu uma medalha a Irena Sendler em reconhecimento por ela ter salvado a vida de inúmeras crianças do gueto.

17. Referência ao *pogrom* de Jedwabne, massacre de judeus dessa localidade e de seus arredores por poloneses, em julho de 1941. O massacre foi por muito tempo atribuído aos *Einsatzgruppen* (“forças-tarefa” ou “grupos de intervenção”, em alemão), agrupamentos de caça e extermínio que acompanhavam o avanço do exército alemão na Frente Oriental com a tarefa específica de localizar e assassinar judeus. Mais tarde, foi estabelecido pelo Instituto Polonês da Memória que o crime fora perpetrado, na verdade, por civis poloneses, talvez instigados por tropas alemãs. A implicação destas no massacre ainda é objeto de controvérsia entre os historiadores. [N.T.]

26 de julho

Pela manhã, a rede de televisão privada TVN 24 informou que o Prêmio Jan Karski havia sido concedido a Irena Sendler, “Pela Bravura e Coragem”.

29 de julho

O jornal *Diário Polonês e Diário do Soldado*, que circula em Londres, informou na primeira página que o Prêmio Jan Karski havia sido concedido a Irena Sendler. Entre outras coisas, a matéria dizia:

Este prêmio é concedido anualmente pela Fundação Jan Karski, que funciona junto ao Centro Americano de Cultura Polonesa em Washington e se mantém graças a doações de patrocinadores privados. A candidatura de Irena Sendler foi apresentada pela Associação das Crianças do Holocausto na Polônia e pela Federação Mundial das Crianças Judias Sobreviventes do Holocausto, que reúne, entre outros, também pessoas salvas do Gueto de Varsóvia por Irena Sendler há mais de sessenta anos. Sua candidatura recebeu o apoio de Norman Conard, um professor de história do Kansas, e de suas quatro alunas, que escreveram uma peça sobre a heroína polonesa.

A Fundação Jan Karski foi criada para prestar homenagem à memória do lendário mensageiro do *Armia Krajowa*,¹⁸ que em vão alarmou o Ocidente sobre o extermínio de judeus na Polônia ocupada pela Alemanha nazista. Além de ter salvado crianças, Irena Sendler foi também a pessoa que guiou Jan Karski quando ele esteve no gueto por algumas semanas. Compõem o comitê do Prêmio Jan Karski o ex-conselheiro do presidente Carter para questões de segurança nacional, prof. Zbigniew Brzeziński, e a ex-embaixadora dos EUA na ONU, Jane Kirkpatrick.

1º de agosto

Em seu artigo “Irena e Jan”, publicado em Tel Aviv no *Nowiny-Kurier*, Natan Gross escreve:

18. *Armia Krajowa* (Exército da Pátria) é o nome de um dos grupos da resistência armada polonesa que atuou durante a ocupação alemã na Segunda Guerra Mundial. Agia em conjunto com o governo polonês no exílio em Londres e tinha como intenção libertar a Polônia tanto dos invasores nazistas quanto dos invasores soviéticos.

Irena Sendler é uma mulher extraordinária, que já foi apresentada como a estrela mais brilhante no céu negro da ocupação na Polônia. O Prêmio Jan Karski que ela recebeu poderia se chamar “o prêmio da consciência”. Em minha opinião, Irena Sendler e Jan Karski são dois grandes nomes que merecem ser eternamente lembrados pelo povo judeu.

7 de agosto

Uma conferência de imprensa dedicada à ganhadora do Prêmio Jan Karski aconteceu na sede da Associação das Crianças do Holocausto em Varsóvia, contando com a participação de algumas das “crianças” salvas por Irena Sendler e com a presença de sua filha, Janina Zgrzemska. A cerimônia foi conduzida pela presidente da associação, Elżbieta Ficowska, que disse: “Irena Sendler não salvou apenas a nós, salvou também os nossos filhos, os nossos netos e as nossas próximas gerações. Salvou o mundo do ódio e da xenofobia. Durante toda a sua vida proclamou a verdade, o amor e a tolerância para com o próximo”.

13 de agosto

Numa carta de congratulações enviada a Irena Sendler, Paweł Jaros, Delegado para os Direitos da Criança, escreve:

O nome desse prêmio reflete plenamente seu engajamento no trabalho pelas crianças. Uma grande bondade e uma grande coragem foram necessárias para livrar da morte duas mil e quinhentas crianças judias do Gueto de Varsóvia durante a ocupação nazista, escondê-las com famílias polonesas, em orfanatos e conventos, e preservar seus documentos para que, depois da guerra, elas pudessem retomar suas identidades. A sua atuação após a guerra em prol das crianças perdidas, abandonadas e maltratadas também merece o maior respeito. Pessoas como a senhora sempre serão um exemplo para todos os que amam as crianças e trabalham para o bem-estar delas.

18 de agosto

Irena Sendler recebe a visita do professor Shevah Weiss, embaixador de Israel na Polônia.

10 de outubro

A primeira-dama da Polônia, Jolanta Kwaśniewska, visitou Irena Sendler pela primeira vez.

23 de outubro

Em Washington, Elżbieta Ficowska recebeu o Prêmio Jan Karski em nome de Irena Sendler, dada à ausência desta na cerimônia que, no entanto, contou com a presença da primeira-dama polonesa Jolanta Kwaśniewska como convidada de honra. Estiveram presentes também as estudantes americanas com seu professor, Norman Conard.

Em agradecimento pelo prêmio que lhe foi concedido, Irena Sendler declarou:

“Senhoras, senhores, caros amigos.

Quando durante a guerra eu – então uma mulher jovem – participei da arriscada expedição de Jan Karski ao Gueto de Varsóvia como uma placa viva de sinalização, não podia imaginar que depois de tanto tempo, aos 93 anos, teria a honra de receber o prêmio que leva seu nome. Este é um grande orgulho para mim.

Curvo-me diante desse herói, o prof. Jan Karski, e desejo, como sempre, deixar claro que o que fiz foi minha obrigação de ser humano. Permitam que eu receba este prêmio também em nome dos meus fiéis colaboradores, sem os quais eu pouco teria feito. Gostaria, ainda, que se preservasse a memória das muitas pessoas de tão nobre caráter que, pondo suas próprias vidas em perigo, salvaram seus irmãos judeus, pessoas cujos nomes nunca são lembrados.

Mas nossa memória, e a das próximas gerações, deve guardar também a imagem da baixeza e do ódio, que mandava entregar os próprios vizinhos aos inimigos, que mandava matar.

Testemunhamos igualmente a indiferença com aqueles que pereciam. Meu sonho é que a memória se torne uma advertência para o mundo. De maneira que semelhante tragédia humana jamais se repita.

Agradeço a todos pelo reconhecimento que me concederam.

Agradeço ao destino que me permitiu viver até o dia de hoje.”



Irena Sendler e o embaixador de Israel.

Pronunciamento de Elżbieta Ficowska durante a cerimônia:

“Agradeço por minha vida a Deus, aos meus pais judeus, à minha mãe polonesa e a Irena Sendler.

Em geral, as pessoas não se admiram com o fato de estarem vivas: eu também não me admiro.

Num poema dedicado a mim, cujo título é ‘Suas duas mães’, meu marido escreveu:

Foram suas duas mães
que lhe ensinaram
a não ficar admirada
ao dizer
EU ESTOU AQUI.

Hoje minhas duas mães não estão mais aqui. Irena Sendler está. Para mim e para muitas crianças judias que foram salvas, Irena é uma terceira mãe. Bondosa, sábia, afetuosa, sempre pronta a nos envolver nos braços, a se alegrar com o nosso sucesso, a se preocupar com o nosso fracasso. É Irena que procuramos em busca de um conselho nos momentos difíceis da vida.

Irena conhece nossos filhos e netos, sabe seus nomes e se lembra de suas datas de aniversário. Eles nem sempre têm consciência de que também lhe devem sua existência. Ela consegue conversar com pessoas jovens. Consegue contagiá-las com seu entusiasmo, seu desejo de fazer o bem e de melhorar o mundo.

Sua amizade com as meninas norte-americanas e com o professor delas, Norman Conard, fez com que, graças a eles, pessoas do outro lado do mundo compreendessem melhor o que foi o pesadelo da Segunda Guerra Mundial e a tragédia de todo o povo judeu, condenado ao extermínio. Na indiferença do mundo diante dessa tragédia, essas pessoas podem encontrar a causa do mal que também hoje em dia nos cerca.

Felizmente, naquela época também estavam lá os Justos, graças aos quais o mundo não pereceu.¹⁹

Sinto-me vitoriosa, orgulhosa e grata pelo fato de, justamente eu, uma das duas mil e quinhentas crianças que foram salvas, estar recebendo o prêmio concedido a Irena Sendler, um prêmio que leva o nome de um Justo extraordinário, um grande herói da Segunda Guerra Mundial, uma autoridade moral: Jan Karski.”

25 de outubro

O Papa João Paulo II escreveu a Irena Sendler uma carta de congratulações, na qual se lê:

Queira receber meus cordiais cumprimentos e a expressão do meu reconhecimento pela sua extraordinária e corajosa atuação durante a ocupação, quando, não se preocupando com sua própria segurança, salvou tantas crianças do extermínio e se prontificou a prestar ajuda humanitária àqueles que necessitavam de apoio espiritual e material. E mesmo experimentado a tortura física e o sofrimento espiritual, não se deixou abater, mas continuou servindo ao seu semelhante com generosidade, colaborando para a criação de lares para crianças e idosos. Que o Senhor Deus em sua bondade a recompense com graças especiais e bênçãos por esses atos de benevolência para com os outros.

19. “Os Justos”, referência aos 36 *Tzadikim Nistarim* (“Justos Anônimos”) que, segundo a tradição judaica, sempre estão entre nós, sendo a causa de o mundo não ser destruído, apesar de todas as iniquidades. *Ver nota 13* [N.E.]



Irena Sendler e a primeira-dama da Polônia, Jolanta Kwaśniewska

4 de novembro

A primeira-dama polonesa, Jolanta Kwaśniewska, na companhia de Elżbieta Ficowska, visita Irena Sendler pela segunda vez. Entregam-lhe então o prêmio e uma estatueta de Jan Karski.

5 de novembro

O jornal polonês *Rzeczpospolita* publicou o artigo “Despedindo-se da Polônia”,²⁰ de Shevah Weiss, embaixador de Israel no país, então deixando o cargo. Nesse artigo, ele menciona suas inúmeras relações de amizade com grandes poloneses. “Vim à Polônia também para encontrar a admirável Wisława Szymborska,²¹ o caro Czesław Miłosz,²² para ficar próximo de Władysław Bartoszewski²³ e de Irena Sendler, que com tamanha doação salvou crianças judias”.

20. Em polonês: *Pożegnanie z Polską*. [N.T.]

21. Wisława Szymborska (1923-2012), célebre escritora polonesa. Recebeu o Nobel de Literatura de 1996. [N.T.]

22. Czesław Miłosz (1911-2004), jurista, diplomata, poeta, romancista, ensaísta, historiador de literatura, tradutor. Viveu na França e nos EUA. Suas obras foram censuradas na Polônia até 1980, quando recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Retornou à Polônia em 1993. [N.T.]

23. Władysław Bartoszewski, nascido em Varsóvia em 1922, é um político polonês, ativista social, jornalista, escritor e historiador. Foi prisioneiro do campo de extermínio de Auschwitz, lutou na resistência polonesa e participou do Levante de Varsóvia. Foi por duas vezes ministro das Relações Exteriores, é Cavaleiro da Ordem da Águia Branca e cidadão honorário de Israel. [N.T.]

10 de novembro

O Presidente da República da Polônia, Aleksander Kwaśniewski, condecorou pessoalmente Irena Sendler com a mais alta distinção polonesa, a Ordem da Águia Branca.²⁴

Durante a cerimônia de condecoração, o presidente disse, entre outras coisas: “Creio, realmente, que a sua maior alegria e a dimensão de seu heroísmo e de sua atuação é justamente a vida. A vida de tantas e tantas pessoas que foram salvas, a gratidão dessas pessoas, o sorriso delas; e o fato de que elas puderam formar suas famílias”.

Em agradecimento ao presidente, Irena Sendler afirmou:

“Vivi uma vida longa sem esperar por prêmios, por reconhecimento. Procurei viver corretamente, o que nem sempre é fácil, principalmente em momentos em que o ser humano se vê condenado à destruição. Cada criança judia que foi salva com a minha participação é uma justificativa para a minha existência na Terra, não um título de glória. Mas gostaria de dizer também que o fato de eu receber a maior distinção da minha pátria – a Ordem da Águia Branca – das mãos do Senhor Presidente Aleksander Kwaśniewski, é uma grande honra para mim.

E ainda hoje, na Polônia e no mundo, há muitos problemas nos afligindo, muitas tragédias às quais é preciso se opor. E é preciso também reconhecer aqueles que socorrem os injustiçados. Acredito, Sr. Presidente, que eles não decepcionarão.

Agradeço de todo coração por essa alta distinção que me permite dedicar a todos meus generosos colaboradores naqueles anos terríveis, pessoas que em sua maioria já não estão mais entre os vivos.

Agradeço ao Conselho da Ordem e ao Sr. Presidente, fiel patrono das pessoas de boa vontade, entre as quais também quis me incluir.”

Elżbieta Ficowska falou em nome dos membros da Associação das Crianças do Holocausto na Polônia:

24. A candidatura de Irena Sendler à Ordem da Águia Branca foi apresentada em 2002 pela Associação das Crianças do Holocausto na Polónia.

“Querida Irena,

Nós, membros da Associação das Crianças do Holocausto, devendo nossas vidas ao seu destemido coração que, sessenta anos atrás, entrou numa luta contra o mais horrendo dos criminosos que o mundo conheceu, queremos expressar outra vez nossos mais profundos agradecimentos por nossa existência. No momento em que lhe é concedida a Ordem da Águia Branca, nós agradecemos em nosso próprio nome e também em nome de todos aqueles nossos irmãos e irmãs espalhados pelo mundo que, resgatados dos braços da morte, receberam a dádiva da vida, concedida pela querida Irena Sendler e pelos melhores entre os melhores de seus colaboradores, os fundadores e membros da célebre Żegota.²⁵

Com o passar do tempo, nós descobrimos de onde viemos, quais foram as origens de nossas biografias e a quem devemos o fato de que elas tiveram e têm continuação. Agora já sabemos e jamais esqueceremos que a senhora é a nossa mãe, sem a qual muitos de nós não estariam entre os vivos.

Nós lhe prestamos reverência dizendo apenas uma palavra antiga e desgastada: obrigado, pois não é possível dizer nada mais nas línguas humanas.”

12 de novembro

O jornal polonês *Gazeta Wyborcza* publicou um comentário de Michał Głowiński:

O dia em que o Presidente da República condecorou Irena Sendler foi uma data muito especial para todos nós, que lhe devemos a vida. A máxima que é o lema da instituição israelense Yad Vashem diz que aquele que salva uma vida, salva o mundo. Irena salvou da aniquilação duas mil e quinhentas crianças, e também um número considerável de

25. Żegota era o codinome do Conselho Clandestino de Ajuda aos Judeus (*Konspiracyjna Rada Pomocy Żydom*), organização da resistência polonesa que atuou na Polônia ocupada de 1942 a 1945. A Żegota operava com apoio do Governo Polonês no exílio em Londres por meio de uma Delegação Governamental para a Polônia, em Varsóvia. O propósito principal da Żegota era prestar ajuda aos judeus no país e encontrar lugares seguros para eles. A Polônia foi o único país da Europa ocupada em que existiu uma organização secreta com tais propósitos. *Ver nota 105.* [N.T.]

peessoas adultas: salvou, portanto, uns tantos mundos. É uma heroína e uma santa laica. Quem sabe o que foi e como se deu o Holocausto tem consciência de quão grande esforço, quanta dedicação e coragem, quanta engenhosidade e talentos organizacionais isso exigia. Homenageamos agora Irena Sendler e, ao lhe prestar esse tributo, nós o fazemos também a todos aqueles que atuaram sob sua orientação e com ela colaboraram. Quem, como o autor destas palavras, conhece Irena Sendler há mais de sessenta anos, admira não apenas seu heroísmo monumental, mas também sua simpatia, sua cordialidade e sua sabedoria.

15 de novembro

Dentre as muitas cartas de congratulações que chegaram literalmente de todo o mundo, encontravam-se as palavras especialmente amáveis de Jerzy Śliwczyński, presidente da Administração Central da Sociedade Polonesa dos Justos entre as Nações do Mundo: “Quando as pessoas enclausuradas entre os muros do gueto pensavam que Deus já as tinha esquecido, as ações da senhora foram como um sol de esperança no horizonte”.

16 de dezembro

A diretora do Centro Americano de Cultura Polonesa em Washington, Kaya Mirecka-Ploss, por cuja iniciativa o Prêmio Jan Karski é concedido há alguns anos, visitou Irena Sendler. Acompanhava-a Maria Skinner, jornalista, que foi responsável pela realização de um documentário sobre Irena Sendler para a rede pública de televisão americana PBS, em colaboração com a rede polonesa *Telewizja Polska*. “O documentário seria a primeira apresentação nessa escala da figura dessa heroica polonesa para o público americano. A mídia nos EUA apresentava até então informações que acentuavam mais os exemplos de indiferença dos poloneses para com o destino dos judeus”, publicou nessa data o jornal polonês *Gazeta Wyborcza*.

Ainda em dezembro, numa revista feminina americana de grande popularidade, a *Ladies' Home Journal* (tiragem de 13,5 milhões de exemplares), foi publicado um artigo de Marti Attoun com o expressivo título

de “*The Woman Who Loved Children*”, que trazia a história de Irena Sendler, seus feitos dos tempos da guerra e a amizade com as estudantes americanas e seu professor.

De onde surgiu repentinamente, em 2003, depois de tantos anos de silêncio, tamanho interesse por uma polonesa heroica que desde 1945 vivia em Varsóvia?

A resposta para essa pergunta está do outro lado do mundo.





*Irena Sendler e as estudantes norte-americanas,
maio de 2001 (foto: R. Szaybo)*

O que aconteceu em Uniontown

EM SETEMBRO DE 1999, UM GRUPO DE QUATRO ALUNAS (MEGAN STEWART, catorze anos, Elizabeth Chambers, catorze anos, Sabrina Coons, dezesseis anos, Gabrielle Bradbury, treze anos)²⁶ de uma escola em Uniontown, cidade com 300 mil habitantes a 150 quilômetros de Kansas City, “o quarteto Sendler” – como depois foram chamadas –, criou um projeto para a olimpíada de história. Foram inspiradas por um artigo do *U.S. News & World Report* de 1994, publicado após a estreia do famoso filme de Steven Spielberg [*A lista de Schindler*], no qual se faziam referências a pessoas que durante a Segunda Guerra Mundial salvaram judeus, mas não entraram para a história como Oskar Schindler.²⁷ Em meio a diversos outros nomes, havia o de uma polonesa, Irena Sendler, e a informação de que salvara duas mil e quinhentas crianças. O professor das meninas, Norman Conard, duvidou da informação. “Será que não teriam acrescentado um zero a mais?”, perguntou. Pediu para que as alunas procurassem confirmar essa notícia impressionante. O tema as atraiu e absorveu totalmente. Dedicaram a ele todo o tempo livre por mais de meio ano. Leram livros dedicados à Segunda Guerra Mundial e ao Holocausto. Uma das primeiras perguntas que fizeram ao orientador do projeto foi: “O que era o gueto?”. “Continuem pesquisando”, ele respondeu. Telefonaram para os veteranos de guerra americanos. Assistiram a documentários obtidos especialmente para o projeto. Foram auxiliadas por diversas pessoas desconhecidas, que acabaram contagiadas pela paixão daquelas quatro meninas.

26. Gabrielle depois desistiu do trabalho com as colegas. Foi substituída na apresentação por Janice Underwood.

27. Richard Z. Chesnoff, “The Other Schindlers”, *U.S. News & World Report*, 21 de março de 1994.